

TERRITÓRIO PALCO DO DESENVOLVIMENTO SÓCIO-POLÍTICO-ECONÔMICO

Neyva de Lima Santiago
Viviane Pereira Moreira¹
João Luiz de Figueiredo Silva²

“ O conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar , estando muito ligado à idéia de domínio ou gestão de determinada área . Assim , deve-se ligar sempre a idéia de território à de poder , quer se faça referência ao poder público (...) , quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais , ignorando as fronteiras políticas . ”

Andrade , 1995 (1)

1.INTRODUÇÃO

As discussões que estão reunidas a seguir encontram-se sob um processo em construção acadêmica referentes às inquietações sobre o desenvolvimento econômico com base nas teorias de Marshall e Schumpeter que somadas as reflexões de outros autores, nos permite a enxergar, além das fronteiras, através de caminhos mais inteligíveis sobre as novas formas de organização da produção industrial e como esta configuração se apresenta associada aos avanços tecnológicos. Assim, proporcionaremos uma visão sobre o território no período fordista na conversão ao pós-modernismo, buscando compreender sua estruturação, articulação e funcionalidade. Ao retornamos as teorias marshallianas e os estudos neo-schumpeterianos, veremos que as especificidades territoriais fundamentam-se por meio

(1) rodapé [pág.83] . FRIDMAN , Fania. *Donos do Rio em nome do Rei : uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro* . (Rio de Janeiro : Zahar , 1999) .

das redes sociais integradas às redes técnicas, juntas são responsáveis pela (re) valorização do território com objetivo central de um projeto de desenvolvimento endógeno.

Visto que no século XX, observamos a aceleração do fluxo de capital atuante numa escala global, obrigando o uso de ações coordenadas por meio de ações institucionais que resultam numa

¹ e-mail: cenogeo-santiago@click21.com.br

(Discentes em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro–campus UERJ -FFP/SG)

² Orientador

(Mestre em Geografia pela UFRJ, Geógrafo pela UERJ e economista pela UFRJ)

abertura do território através da agilização dos fluxos de mercadorias em que alguns casos, tornam-se refém e/ou cúmplice do novo sistema produtivo , conseqüentemente das “guerras de lugares”.

2.CONTEXO HISTÓRICO TERRITORIAL

2.1 Contexto Geral

No cenário mundial do pós-guerra, entre os anos 60 e 70, o capitalismo estava imerso ao excesso de fundos e poucas áreas produtivas, resultando numa forte inflação. Somava-se, ainda, a crise do setor imobiliário, as dificuldades das instituições financeiras e os altos preços do petróleo , que conseqüentemente aguçaram na busca de novos modos de economia, como nos seguintes pontos:

- Mudança tecnológica e a organização industrial;
- Instabilidade de Mercado Financeiro Mundial;
- Diminuição do poder estatal;
- Racionalização, reestruturação e intensificação do controle de trabalho, através da automação ,novas linhas de produto, novos mercados, dispersão geográfica e o tempo acelerado.

Assim, as décadas de 70 e 80, marcaram a reestruturação econômica e o reajustamento social e político, redefinindo com a divisão territorial do trabalho, a capacidade de agir de pessoas, das firmas e das instituições, tornando o novo conjunto de técnicas em formas hegemônicas , constituintes da base material da vida da sociedade. Por outro lado, a ciência continua se apresentando como um complexo de variáveis que comanda o desenvolvimento deste período, marcadamente informacional, que segundo Santos (2003), o meio-técnico-científico-informacional é a expressão geográfica da Globalização. De acordo com este autor, o território visto como unidade e diversidade é uma questão central da história da humanidade,porém, constitui o pano de fundo do estudo das suas diversas etapas e do momento atual. Portanto, o peso do mercado externo na vida econômica de um país acaba por orientar uma parcela dos recursos coletivos para criação de infra-estruturas, serviços e formas de organização do trabalho se voltam para o mercado exterior, numa atividade ritmada pelo imperativo da competitividade e localizados nos pontos mais aptos para desenvolver suas funções. Deste modo se reconstroem os contextos da evolução das bases materiais geográficas e também a remodelação das regulamentações políticas e ação do mercado ao território, resultando na criação que se classifica em : *territórios do mandar e territórios do fazer*.

2.2.Contexto do Brasil

Para compreender a formação atual sócio-espacial do território nacional faz necessário apresentar alguns aspectos que ressaltam fatos que possibilitaram a distribuição desigual da indústria no país e a concentração na região sudeste, como uma das áreas mais industrializadas .

Após a 2ª Guerra Mundial , potencializa-se a mudança da economia agrícola para economia industrial equacionada para um aproveitamento de mão-de-obra existente e de um mercado de consumo interno em formação. Tais acontecimentos impulsionaram o governo federal a buscar créditos, máquinas e novas tecnologias. Observa-se uma maior participação do Estado na economia com exploração de indústrias e estruturação do território para implantação do setor privado, como por exemplos , siderurgias, energia elétrica, mineração de ferro e extração de petróleo, especialmente após a criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE).

Após os anos 50, o sudeste foi beneficiado por condições históricas , destacando-se como a maior concentração demográfica e oferta de mão-de-obra, principalmente no eixo Rio -São Paulo, proporcionando uma ampla diversidade de infra-estruturas, como estradas de ferro , rodovias, portos, redes bancárias...

Notamos que na última década do século XX, ocorreu um aumento do fluxo de capital e isso significou uma aproximação ainda maior do território nacional com o mercado externo que se beneficiou da modernização dos fixos e esses possibilitaram uma aceleração dos fluxos de mercadorias em decorrência de um território integrado por redes técnicas. Neste caso, a logística desponta como uma importante parte da ocupação que se dá por meio de ações coordenadas e surge como consequência , um conjunto de normas e ações institucionais , estimulando a agilidade dos fluxos. Uma vez que ao , ``(...) desonerar o movimento de mercadorias, linhas de financiamento e seguros que envolvem a circulação de um dinheiro vinculado às exportações e atividades relativas à promoção comercial, são , todos eles, associados para facilitar a abertura do território.

Os circuitos espaciais de produção vinculada ao mercado externo usufruem diretamente dessa situação, já que os círculos de cooperação a eles associados são a expressão de novas qualidades e quantidades que assumem a fluidez e a porosidade territorial. Os circuitos de ferro, de aço, da soja e do calçado são alguns exemplos que podem ilustrar essa nova dinâmica territorial brasileira. Ao mesmo tempo, a tendência crescente à concentração econômica experimentada por esses circuitos conduz a um fortalecimento do uso oligopólico do território... são desse modo, portadores de uma hierarquia territorial. (ARROYO,pág.429)`` .

3. AS INOVAÇÕES NO SISTEMA TECNOLÓGICO E A REESTRUTURAÇÃO DO SISTEMA INDUSTRIAL

O sistema de acumulação capitalista recupera-se nas relações de trocas dinâmicas, em que hoje essas relações sugerem que o poder organizador e regulador dos Estados nacionais estejam sendo prejudicados, tanto na dinâmica interna quanto externa do território, devido ao aumento de

intensidade e complexidade dos intercâmbios comerciais . Indivíduos, comunidades, corporações, organizações, redes de solidariedade, redes de informação, baseados nos interesses mais diversos, formam uma teia em escala local e global, tornando-se difícil de ser manipulada ou mesmo controlada por cada Estado, por mais poderoso que seja. Pode ser uma situação de curta duração se as *tecnologias* que manipulam e acompanham essa evolução territorial e a reestruturação industrial , não obtiverem *políticas de investimentos e de competitividade* , que possam estimular as *inovações* . Portanto, o que é interessante nessas redes técnico-social , são as formas com as quais elas não se constituem só economicamente, no sentido rigoroso do termo, mas inclui intercâmbio de símbolos e imagens.

3.1- As Inovações do Sistema Tecnológico

As análises do Instituto de Pesquisa do Estado de São Paulo S.A, revelam a necessidade de uma Reestruturação do modo de produção que fora implantado no Brasil para substituir as importações, com a intenção de desenvolvimento endógeno de tecnologias dinâmicas em setores como a biotecnologia, informática, novos materiais-químicos afáveis , sendo uma resposta adequada ao novo padrão de desenvolvimento econômico mundial.

Portanto, à medida que as novas relações criadas pelas novas Técnicas, sugerem em falar de uma nova hierarquia urbano-rural e de uma produção direta que se dá localmente. Em que Santos (1997) e Figueiredo Silva(2003) tratam de um novo desenvolvimento que ocorre por meio de novas bases, neste caso, o segundo autor retrata da valorização do local articulada ao global, apresentando alguns motivos que nos faz compreender como se deu esse novo processo:

“1- com o fim do desenvolvimento brasileiro e a redução do papel do Estado, visualizamos que esse modelo não foi capaz de promover o tão sonhado desenvolvimento brasileiro, ao contrário disso, diversas desigualdades foram aprofundadas;

2- acreditava-se que o desenvolvimento industrial brasileiro levaria a uma urbanização inexorável do espaço brasileiro, entretanto, o rural se recriou e fortaleceu suas especificidade, passando a desempenhar novas funções e novas dinâmicas;

3-a compreensão de desenvolvimento como sendo unicamente crescimento econômico não condiz com a amplitude desse conceito;

4- ao longo do processo de desenvolvimento brasileiro, o território sempre este à margem de discussão, quando deveria desempenhar o papel ativo. ” (Figueiredo Silva, 2003:32)

“Santos (1993) chama atenção sobre a involução metropolitana que ocorre no Brasil na década 80 , ele nos mostra uma divisão do “ Brasil urbano” com áreas agrícolas e também, um “Brasil agrícola” com áreas urbanas, contudo, essa agropecuária moderna precisa da sociabilidade dos espaços urbanos a partir daí verificamos uma reorganização do território brasileiro, urbano e rural,

onde se destaca a expansão o meio-técnico –científico -informacional não só nas cidades , mas também, no campo.’’Elias (2003:331).

As Inovações Tecnológicas estão relacionadas com a procura do sistema produtivo, ao modo que vem sustentar a competitividade da empresa, pois as mudanças tecnológicas são como fontes à dinâmica econômica. Segundo Freeman, estas mudanças que surgiram nos anos 80 são formas impactante ao crescimento econômico , de tal modo que as inovações assumem o papel fundamental para economia no entendimento de mudanças tecnológicas, uma vez que, estas só se concretizam por meio do aumento da produtividade e da resultante na formação do Lucro.

Esse processo de crescimento econômico e inovação se estimulam mutuamente, numa interdependência ente as *inovações tecnológicas* e as *inovações organizacionais*, estando diretamente relacionados ao comportamento das firmas.

E como estamos falando de Território, apoiado nos processos de geração de inovações na relação da presença de diversos atores como universidades, institutos de pesquisa científica e tecnológica , que buscam constantemente oferecer ao sistema local um caráter inovador ao arranjo produtivo, reunimos, então, as importantes estruturas do processo neo-schumpeteriano de geração de inovações, além dos citados acima, que são :

- O papel do empresário;
- O papel da firma de grande porte;
- O papel das estruturas oligopolizadas;
- O papel do Estado e da sociedade;
- Sistema de crédito, favorecendo ao empresário o poder de compra e/ou investimento.

Nesta abordagem neo-schumpeteriano, as mudanças tecnológicas estão relacionadas com as múltiplas relações mantidas por estes atores em redes de fontes: *interna* (são as atividades de pesquisa e desenvolvimento, as atividades de marketing e os processos produtivos) e *externa* (fornecedores, clientes, órgãos e instituições públicas e privadas, etc). Estas relações, segundo Freeman, frutificam tanto o fluxo de inovação quanto ao fato das mudanças radicais.

Muitos autores neo-schumpeterianos, conduzem a teoria das redes de relacionamento aos resultados de decisões de posicionamento estratégico das firmas, mais adiante falaremos destas estratégias ao remetermos às idéias marshallianas, que tratam da importância da proximidade entre os atores baseados na confiança, no conhecimento, na competência e habilidade que organizam as estruturas industriais. Deste modo, vejamos como exemplo o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Ministério de Ciência e Tecnologia, cuja principal atividade é a realização de pesquisa e desenvolvimento tendo como objetivo a *geração* e *transferência* de tecnologia com base

num grande complexo de equipamento científico, visando o melhoramento do sistema produtivo tanto das empresas quanto das agroindústrias e agriculturas. Este organismo público, também se destaca na prestação de serviços aos produtores, como controle de qualidade e padronização das medidas, já que as novas variedades e a cada melhoramento tecnológico, as empresas, principalmente do tipo multinacionais, são *introduzidas* e *adaptadas* ao mercado interno sem que haja a perda da diversificação cultural. As respostas destas ações das multinacionais são referentes ao grande porte que estas possuem, tendo boas condições de transferir equipamentos especializados, como também, coordenar programas de treinamento e organizar os processos de aprendizagem. Logo, é importante compreender os processos de *difusão* no interior das redes relacionamento formado pelos atores, acrescentando os outros fatores além do econômico, como o político, cultural, educacional e geográfico, reforçam as características do sistema de inovação do local.

Portanto fechamos este item com os *incentivos* e as *políticas governamentais regulatórias*, já ditas anteriormente, que são consideradas como suporte à interação entre as empresas e as redes nas quais elas estão inseridas, na figura.01, observaremos o significado em que as políticas locais **incentivam a inovação** e a **difusão**, oferecendo especificidade setorial e unido os atores ao contexto histórico, sob um fluxo de informação em que as empresas consideradas organizações heterogêneas aprendem, inovam e evoluem em conhecimentos externos.

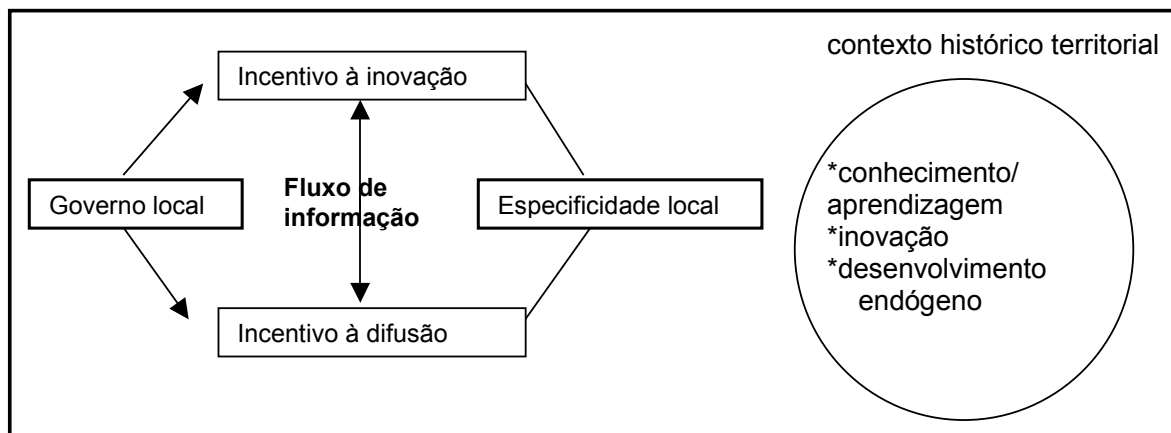


Fig.1-fluxograma de sistema de inovação tecnológica.

Veremos a seguir que a proposta de organização em redes reforça o papel dos avanços tecnológicos, principalmente na informação, que através dos meios de comunicação e transportes, possibilitam que as empresas tenham maior mobilidade e liberdade de realizar suas escolhas locais.

3.2-Reestruturação do Sistema Industrial

Fatos contemporâneos nos implicam às vezes, a repetir a idéia da diminuição da ação do Estado, que se dá por meio de articulações do setor privado e sociedade, em que agora este atua no papel de mediador e busca novas propostas para o desenvolvimento. Klink (2001:22) aponta para o surgimento de um novo regionalismo numa perspectiva da re-territorialização do desenvolvimento

econômico no contexto da nova economia internacional globalizada. Neste caso, o autor propõe como garantias condições econômicas, políticas, sociais e culturais para a compreensão desta re-territorialização.

A crise do sistema produtivo fordista, baseado na produção em grande escala e a conseqüente a desverticalização das grandes firmas, proporcionou o renascimento das vantagens da produção das empresas de pequeno e médio porte, baseada na produção flexível. E para combater os fantasmas deixados pelo antigo modo de produção, criaram-se estratégias de parcerias, envolvendo o novo modelo de desenvolvimento regional endógeno, classificando-se em três modos principais:

1- "**Distrito Industrial**"- Segundo Pyke, Becattini e Sengenberger (1990), esta estratégia não estará livre de controvérsia, no entanto, os autores definem essa tática como um *sistema produtivo local*, caracterizado por um grande número de firmas envolvidas em vários estágios, e em várias vias, na produção convergente. Um forte traço desse sistema é que uma grande parcela das empresas envolvidas é de pequeno e médio porte. Uma característica importante dessa estratégia, é o conjunto econômico e social ("consistem basicamente no regime de especialização flexível baseado em tecnologias flexíveis, em trabalhadores flexíveis e em novas formas de comunidades industriais). Pode-se falar que há nele uma estreita relação entre as diferentes esferas social, política e econômica, com o funcionamento de uma dessas esferas moldado pelo funcionamento e pela organização de outras. O sucesso dos "distritos" repousa não exatamente no econômico, mas sobretudo no social e no institucional.

No lugar de *estruturas verticais* agora se tem uma organização de *relações horizontais*, no qual se processam a **aprendizagem coletiva** e o desenvolvimento de **novos conhecimentos** mediante a combinação entre **concorrência** e **cooperação**. E ao integrar as pequenas e médias empresas numa forma de coletividade, a qual se aumenta a estabilidade de **crédito** (materiais e instrumentos/ equipamentos tecnológicos) à obtenção de economias de escala, em que só era, até então permitidas por grandes corporações.

2- **Ambiente Inovador**- essa estratégia foi elaborada como parte de uma preocupação cujo objetivo foi fornecer elementos para contribuir para a sobrevivência dos distritos industriais, e para que outras regiões e locais concebesses seus próprios projetos de desenvolvimento de maneira sólida. Essa corrente adquiriu a *inovação* como um dado essencial. A diferença entre o "distrito industrial" e o "ambiente inovador", está na aceção de que o primeiro, privilegia a visão do "grupo social", enquanto o segundo se aplica às **inovações tecnológicas**, oferecendo uma certa autonomia e um papel determinante em evitar que as regiões periféricas sejam vítimas dos resultados perversos difundidos pela desintegração do modelo fordista de produção (significando a separação do *núcleo* de pesquisa & desenvolvimento e marketing ao permanecer no lugar de origem, enquanto as demais partes da produção e/ou montagem se deslocam, para outras regiões, resultam na desterritorialização das firmas, que muitas vezes se fragmentam, à procura de regiões com vantagens locais, como

exemplo a localização da indústria Grendene na região de Sobral, que busca obter lucro na utilização da mão-de-obra barata). O ambiente inovador fornece contribuições importantes para que se tente evitar a formação de “uma industrialização vazia e de natureza nômade”.

Pode-se deduzir que os locais e as regiões que optam pelas “**vantagens adquiridas**”, estarão se candidatando ao declínio econômico, enquanto aqueles que optam pelas “**captação de novas vantagens**”, como a renovação ou as criações de recursos, estes estarão mais próximas do sucesso ou da sobrevivência.

A mobilização do conhecimento e dos recursos coloca em prática os projetos de reorganização do aparelho produtivo. Nessa fase é muito importante a presença de fatores como intercâmbio entre os atores, segundo as regras de *cooperação /concorrência* e dinâmica de aprendizagem, trabalhando sempre com a acumulação de experiências.

3- **Cluster**- em português significa agrupamento, de origem anglo-saxônica,

pretende funcionar como uma espécie de fusão das estratégias: **distrito industrial e ambiente inovador**. Torna-se mais abrangente porque, além de incorporar vários aspectos dessas duas estratégias, não fica restrito às pequenas e às médias empresas. A idéia central é formar uma indústria principal ou indústrias principais, numa determinada região, transformá-las em líderes do seu mercado, se possível internacionalmente, e fazer dessas indústrias a ponta-de-lança do desenvolvimento dessa região, em que os objetivos serão conseguidos por meio de uma mobilização integrada e total entre os agentes. Os clusters, geralmente, estão muito mais próximos da grande produção flexível do que propriamente da pequena produção flexível, sem qualquer tipo de discriminação em relação às pequenas e médias empresas. Na figura.02, observamos a diferença dos cluster em relação tanto da visão fordista tradicional (identificada com a grande indústria de produção de massa), quanto da visão distritalista (identificada com a pequena produção flexível). Além disso, o *cluster* está mais próximo da idéia de um “padrão”, dado assumir um caráter mais normativo, enquanto aqueles são mais intuitivos. Segundo Rosenfeld, os clusters são empresas interdependentes, ligadas entre si por meios ativos de transações comerciais, de diálogo e de comunicações que se beneficiam das mesmas oportunidades e enfrentam os mesmos problemas.

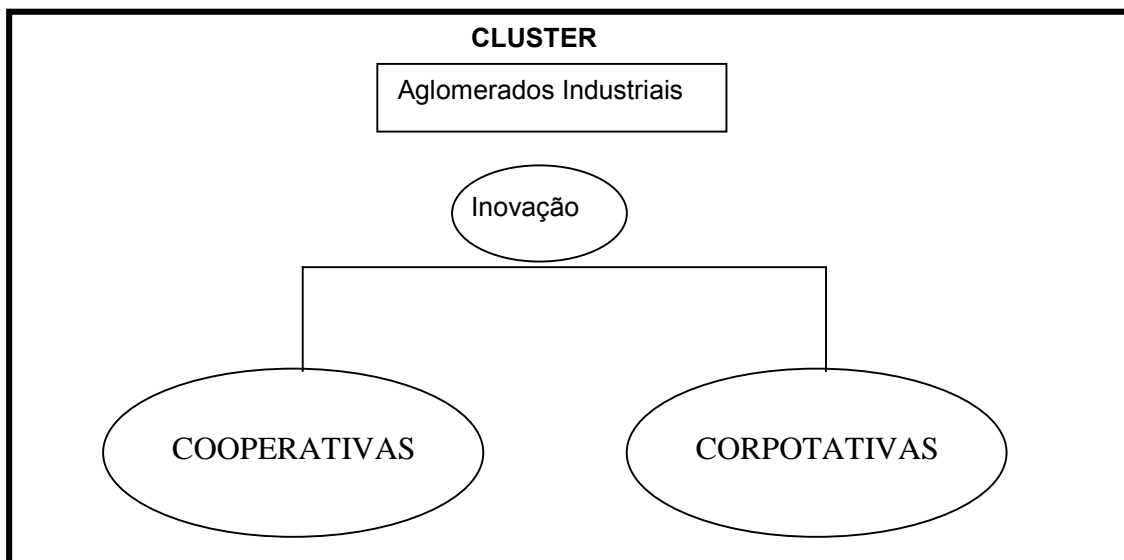


Fig.2- Diferentes modelos de agrupamento industrial .

Nesta figura , podemos verificar o quanto o capitalismo estratégico enfatiza o acirramento da competição provocada pela globalização e pelas leis do mercado, assim os clusters são mais do que aglomeração espacial das empresas, numa perspectiva de inovação se afirma como sistematização de relações entre os agentes. Assim, as cooperativas significam a colaboração entres os agentes visando benefícios comuns, que possam auxiliar na produção. Para que as pequenas empresas possam gerar uma economia de escala com maior flexibilidade para especialização e desta forma ganhar forças em grupo, possibilitando a comercialização do produto final , inclusive para o exterior. Já o modelo das corporações , as grandes empresas que sobrevivem da associação e aliança dos agentes sob uma mesma norma na intenção da união da produção, como forma de superar a rígida concorrência tradicional, detendo temporariamente o monopólio da inovação tecnológica.

As “**economias externas marshallianas**” têm na aglomeração industrial sua fonte principal. Marshall já alertava para a vantagem da *concentração geográfica* de empresas concorrentes. Vantagem que advinda da concentração convergente de atividades produtivas, de um fluxo de informações, da notoriedade e da reputação alcançadas pelo local ou região, pela localização concentrada de fornecedores e de clientes; pela circulação do conhecimento científico e tecnológico; etc. Essa noção de “**economias de aglomeração também faz parte dos modelos tradicionais de desenvolvimento regional; no entanto, o aspecto que vai contribuir para a diferenciação entre esses modelos e os novos é o fato de, nesses últimos, as “economias externas” não só são dinâmicas como também são provocadas conscientemente por uma ação conjunta da coletividade local**” (Schmitz, 1997)

Na realidade, se trata mais de um aglomerado territorial ativo das empresas, pois, a coletividade de seus **agentes públicos e privados** atua com um mesmo interesse: o de manter a dinâmica e a sustentabilidade do sistema produtivo local, visando o bem público e a eficiência da cooperação das empresas. Nessa nova concepção de desenvolvimento regional, observa-se que a

interação entre os agentes assume posição de destaque. Contudo, essa interação só é possível na presença de três elementos:

1-construção da confiança;

2-criação de bases concretas capazes de permitir a montagem de redes de comunicação e de transportes;

3-proximidade organizacional (esse como resultado da combinação dos outros dois elementos).

4.O RETORNO AO TERRITÓRIO

Os circuitos econômicos estão alcançando dimensão planetária, provocando o surgimento de processos de reestruturação econômica em diversas economias nacionais, paradoxalmente a alternativa encontrada pelas regiões menos desenvolvidas passa necessariamente pelo *retorno* às suas origens, isto é, valorizam as características locais, revitalizando suas identidades, através da percepção de vantagens, potencialidades e vocações que uma localidade específica pode possuir. Segundo Santos (1997:53) , a cidade possui em seu contexto sócio –histórico das relações uma adequada “...semente de liberdade...” e “... possibilidade do homem livre, da liberdade de escolha, muito embora esta fosse relativa, já que os ofícios eram regulamentados pelas corporações, pelas confrarias... cidade é um elemento impulsionador do desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas , ..., lugar de ebulição permanente”. Ao contrário, Figueiredo Silva (2003) mostra os motivos que impediram e estagnaram o desenvolvimento econômico nas cidades brasileiras, os quais delineamos como desgaste das metrópoles sob uma urbanização desordenada, com baixos IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), principalmente ao acesso à educação, à saúde e a pobreza. E o crescente número de desempregados nas grandes cidades, estimulado pelo fenômeno de desconcentração das indústrias que categoriza a sobrevivência em duas etapas, a primeira se refere a metamorfose do trabalho sem formalidades ,denominado por Santos (1996) de “flexibilidade tropical”.E outra, menciona a transformação da ocupação de pessoas ao destinarem às pequenas cidades estimadas aos novos investimentos de parceria entre o governo local e as industriais. Nesta inversão do fluxo destacamos como ponto a ser discutido o “**êxodo urbano**”, expressão de Bernard Kayser, que se refere à cidade local ou a pequena cidade que recebe da cidade maior , os funcionários de todos os níveis e operários (quando a indústria é instalada), pois quanto mais próximo das regiões dinâmicas , mais estas pequenas cidades irão transmitir o dinamismo da cidade grande.(Santos, 1989:53).

À volta a Marshall está presente, ao considerar em sua teoria alguns fatores que explicam os fenômeno da localização industrial:

- Concentração do mercado de trabalho e a mão-de-obra especializada, facilitando a seleção e contratação para as empresas;

- Inovações tecnológicas ao melhoramento da maquinaria, técnica e organização da produção;
- Incentivos de órgãos e instituições públicas e privadas .

O SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas), nos anos 90 realiza parcerias com prefeituras, governo federal, entidades civis, empresários e outros, juntos formam “ (...) fatores predominantes para o desenvolvimento e a sustentabilidade dos pequenos negócios, as vantagens competitivas resultantes da economia da proximidade, aliada à cooperação, ao associativismo e ao... resgate da auto-estima e da plena cidadania.” Gianni (diretor- presidente do SEBRAE).

Portanto esse desenvolvimento tão almejado, pode ser entendido como o *desenvolvimento endógeno* que possui um processo de crescimento econômico que implica uma contínua ampliação da *capacidade de agregação* de valor sobre a produção, bem como da *capacidade de absorção* da região, cuja abertura é a *retenção do excedente econômico* gerado na economia local e/ou a atração de excedentes provenientes de outras regiões. Esse processo tem como resultado a ampliação do emprego, do produto e da renda do local ou da região.

Ao estimular o desenvolvimento local de acordo como os especialistas, deve-se colocar em questão a **concentração** e a **aglomeração**, na medida em que incorporaram como fator de localização a “complementaridade” entre firmas e setores, assim como a noção de economia de escala mínima na preocupação com “economias externas” em que as idéias marshallianas interpretadas por Iglioni(2001:41), não possuem apenas no sentido *pecuniário*, transmitida *via mercado*, mediante a intermediação dos *preços*, mas também no sentido *tecnológico*, tendo como resultado final à existência de custo de transporte baixo, de rendimentos crescentes e de uma intensa demanda local que contribui para uma certa aglomeração industrial. Essa diferença entre os dois tipos de economia externa privilegia o tamanho do mercado e a divisão do trabalho como fontes do crescimento da produtividade, dando mais atenção à proximidade espacial e aos fatores relacionais.

Para que os esforços dos agentes tenham resultados esperados, principalmente quando são conduzidas as escolhas locacional, é necessário que haja entre os agentes a **confiança**, criando um compromisso ao benefício comum. A reportagem de Souza (Pegn,2004) demonstra que a coesão não é tão sólida e há desagregação, são fatos que colocam em risco às parcerias que como o que aconteceu com o grupo de produtores de calçados de Franca, no interior de São Paulo, ao se reunirem para comprar, a matéria-prima: cola, de forma coletiva, o fornecedor concordou em dar um desconto, no entanto, mais tarde contactou separadamente, cada um desses empresários para oferecer uma vantagem ainda maior, desde que a negociação fosse individual, o resultado foi que muitos desses pequenos empresários caíram na tentação e perderam a credibilidade na cooperativa.

5.TERRITÓRIO E OS SEUS PROCESSOS TERRITORIAIS <T-D-R>

A novidade da atualidade é falarmos da “saída e entrada” do território que Haesbaert (2004:99) ressalta a importância do reconhecimento destes processos territoriais pelos filósofos franceses Deleuze e Guattari, sendo os autores do termo “desterritorialização”. O autor, trabalha com a idéia de que a desterritorialização é mais do que a extinção do território, está vinculada com novo tipo de território em múltiplas e descontinuas definições.

Segundo Silva (2003) compreende-se que a territorialização das empresas, na sua expansão produtiva e a sua permanência estarão relacionadas a uma estratégia de organização industrial, com o auxílio das infra-estruturas de transporte e telecomunicações, facilitando a distribuição e circulação das mercadorias e informações. Enquanto, na definição de Appadurai (1997) e Moreira (1998), o território está associado a integridade, a vigilância, o policiamento e a subsistência. Na medida que a soberania estatal tende certamente a ser transformar em minoria, ao participar de uma nova ordem política, exige a reterritorialização da ordem socioeconômica industrial, criando novas pressões em favor do deslocamento da mão-de-obra e da organização tecnológica, influenciando o novo cenário nacional. Portanto, atribui ao discurso sobre território à tendência que se caracteriza pelos conflitos com as fronteiras e as leis econômicas internacionais.

Entre o jogo do antigo e novo espaço de produção industrial, permite o desenvolvimento dos complexos fenômenos desterritorialização-reterritorialização, cujas empresas aprendam novos modos de controle territorial, através das *inovações* e da *organização industrial*, marcando o artifício adaptativo-integrativo de ampliação econômica local.

Tendo a consciência de que cada novo sistema produtivo está inserido numa conjuntura histórica em que a técnica e a ciência sempre propuseram concretizações na relação sociedade e espaço, na figura.03, o território e seus processos, tornam-se os desígnios de transformar o tempo numa das causas geradoras das conseqüências convergentes e divergentes do desenvolvimento econômico. Com já havíamos discutido, a fragmentação vertical da empresa, marcada pela desarticulação da organização fordista, resulta na desterritorialização das empresas dos centros urbanos, permitindo separar o seu núcleo (inovador) das partes de produção e/ou montagem, essa mobilidade conduzem à procura de vantagens locais, como as pequenas cidades, ao concentrar condições que despertam o interesse ao investimento pelos agentes, com a dinâmica das redes técnicas, o núcleo dessas empresas pode ou não, permanecer em seu lugar de origem e apenas deslocando as demais partes da produção. Então, a transformação de um sistema produtivo vertical para um sistema mais integrado e renovador, sendo alicerçado por uma horizontalidade de relacionamento que juntos buscam no aceleração do tempo obter as vantagens diante da concorrência e competitividade. Assim o território se torna elemento ativo do projeto de desenvolvimento, pois com o fim da padronização ocorre a valorização das suas competências territoriais.

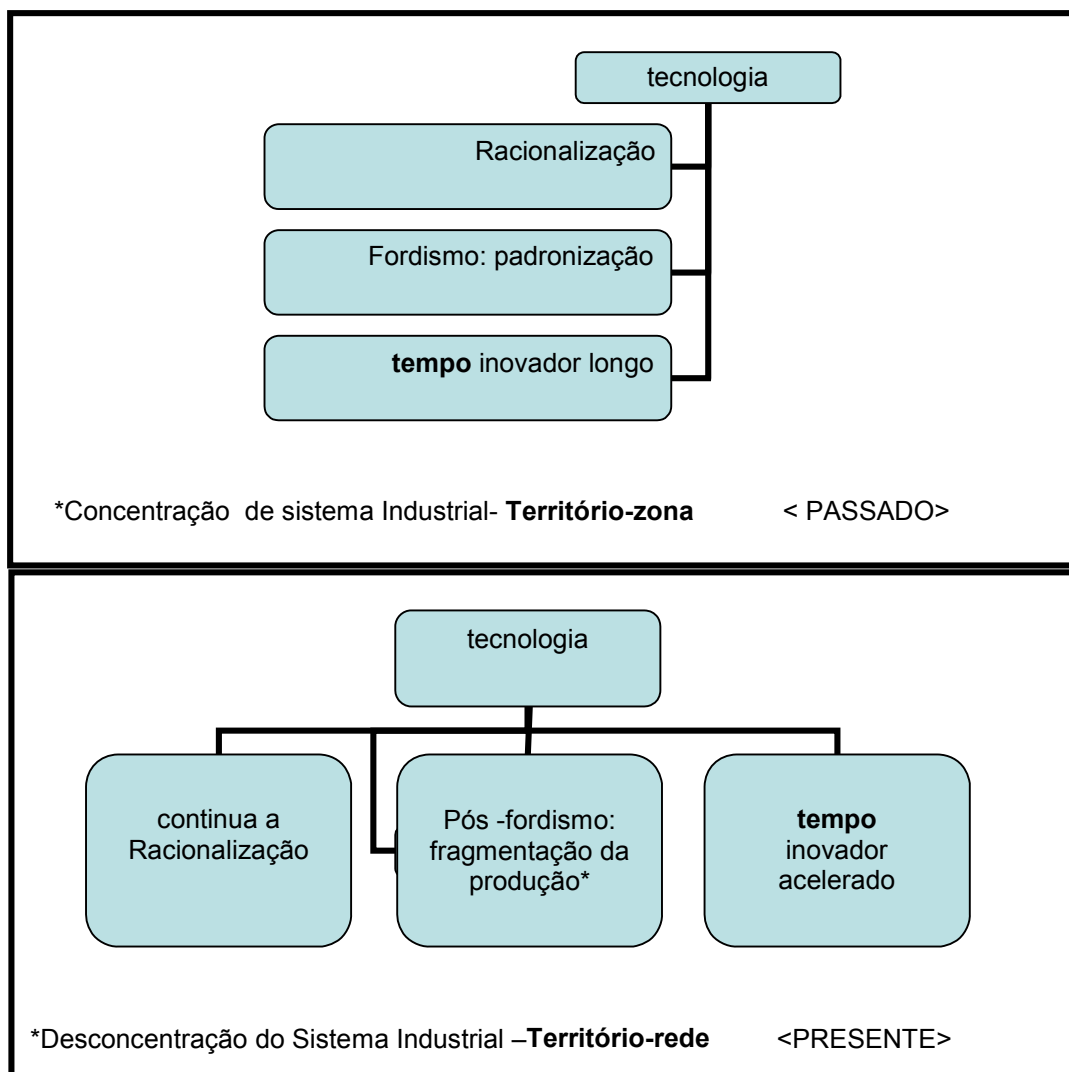


Figura 03

-Quadro temporal do sistema Industrial .

As empresas com fins lucrativos “...não hesitam em trocar de sítio quando aquele em que se encontram deixa de oferecer vantagens para o exercício de sua própria competitividade” (Santos 2003:256), assim determinarão suas estratégias locais, com vista à máxima rentabilidade do capital a ser investido, sendo estabelecida segundo aos fatores das redes sociais e técnicas. Em relação à produção, a aglomeração industrial faz com que as economias externas recrutem mãos-de-obra treinadas, correspondentes a redução dos custos inseridos pela contratação, como escolarização, treinamento... valores culturais, etc. Assim, quanto mais afastado dos grandes centros urbanos, mais baixos são os salários. Então o fato de um território possuir grandes números de indústrias pode ocasionar numa vantagem locacional em termos de mercado, pois tanto propicia à oferta de mão-de-obra “treinada” quanto há à demanda de seus produtos por parte de fornecedores e consumidores, que obtêm diminuição dos gastos com transporte e tempo.

Deste modo, os territórios-zona de uma modernidade clássica, marcada pela presença estatal passa ser redefinido, segundo ao chamado capitalismo de acumulação flexível, de territórios-rede sendo marcados pela descontinuidade e pela fragmentação que permite a constante passagem de um

território a outro, constituindo numa “explosão” denominada por Haesbaert (2004:338) que em termos mais elaborados é a “multiterritorialização”, uma forma dominante da *reterritorialização* e que muitos autores equivocadamente denominam de *desterritorialização*. E numa visão simplista do território e seus processos, este autor denomina de uma maneira genérica a territorialização como sendo local das relações de domínio e apropriação do espaço, nas mediações espaciais de poder, poder num sentido mais amplo que se estende do mais concreto ao mais simbólico .

5.1- REDES SOCIAIS

As redes sociais se viabilizam por meio de estratégias de “cooperação” e “aglomeração”, tendo a comunicação na qualidade de seus atores no desempenho de pesquisas que possibilitem constantes inovações em suas linhas produtivas resultantes ao aumento da qualidade e diversificação dos produtos, os quais são empregados um “saber fazer” mediada pela especificidade, possibilitando a região se libertar dos efeitos nocivos de uma “(...) guerra de lugares. Ou seja, a sua competitividade territorial, criando um “meio”, onde as empresas encontrariam as condições ideais para a reprodução. Nesse sentido, a prosperidade da região estaria sustentada pelas suas próprias características territoriais. A redução de preços e custos não seria mais o principal componente de competitividade da região.”. Figueiredo Silva (2003:38).

Para que uma região deixe de ser refém da “Guerra dos Lugares”, deve-se criar uma ação de Marketing com a intenção de inseri-la dentro do mercado, por meio de cooperações dos atores em parcerias aos setores públicos e privados e comunidade. Para Klink (2001:43), o setor público deve criar condições que possibilitam uma transição de um modelo que não se estrutura por meio da indústria/fordista .Mas, que sinaliza para um modelo alternativo que possibilite “(...) a saída de estruturas de mercado excessivamente fragmentadas e incentivando a criação de redes de cooperação entre as empresa, fornecedores e matrizes, como por exemplo para atividades de pesquisa e marketing em conjunto. Além disso, deveria ser incentivado o envolvimento dos fornecedores na exploração de nichos de mercados.”.

A partir do surgimento do meio-técnico-científico-informacional , deu-se uma guinada na racionalização dos meios de produção proporcionada pela flexibilização que levou ao aparecimento da territorialização produtiva que ultrapassa a subjetividade , transformando a região sua prisioneira dos meios técnicos.

5.2- REDES TÉCNICAS

A partir da configuração de suas redes proliferam-se suas extensões produtivas baseadas nas escolhas locacionais e astúcias de mercado, as grandes corporações utilizam a disponibilidade de infra-estrutura para facilitar a circulação de seus produtos, possibilitando uma re-territorialização e desterritorialização.

Para compreender a formação sócio-espacial do território brasileiro faz-se necessário uma leitura dos compartimentos políticos e também uma interpretação da economia em escala global, pois as relações de informações e transmissões de dados acontecem em tempo real, modificando as relações e as organizações. Baseado nisso, não se pode mais compreender o princípio universal da compartimentação do território sem compreender de que forma as fronteiras políticas interferem nesse processo.

Com base em Catia (2003: 399) percebemos que a regulamentação do uso organizacional do território nacional através da Guerra Fiscal, que por sua vez se torna o instrumento jurídico difundido por Municípios e Estados, com intuito de atrair empresas para seu território transformando-as em grandes vitrines por meio de recursos públicos para produzir a base estrutural que resulta atrativos ao setor privado porém, tal prática procede ao encarecimento de dívidas para o setor público, uma vez que ocorre a transferência de recursos públicos para o setor privado.

Segundo Santos (1996) *“Quanto mais aberta for à fronteira externa nos torna um território nacional com uma economia internacional”*. Quando o território encoraja o comércio acena a uma economia para uma diminuição dos regulamentos de fronteiras com intuito de aumentar a fluidez à circulação, tal atitude acentua as disputas entre os poderes locais e regionais, portanto, a Guerra Fiscal é a forma encontrada pelo autor ao exemplificar a força da competitividade entre os entes da união.

5.3. TERRITORIALIZAÇÃO EXEMPLIFICADA NO BRASIL

O crescimento geral de um setor industrial, para Marshall, não implicava com o tamanho que este ocupava, o que importava era a localização e a concentração especializada da indústria em uma cidade ou região. A sua contribuição para os avanços na divisão do trabalho e a especialização de novas técnicas sendo beneficiadas por condições, tais como, matérias-primas, fontes de energia e meios de transporte, facilitando a distribuição e circulação das mercadorias. Sabendo que tal tendência vai muito além de uma releitura desses aspectos para os dias atuais, como por exemplo, o setor industrial responsável pela confecção de lingerie de Nova Friburgo no Estado do Rio de Janeiro, ao mencionar a localização deste setor, que se tornou referência e impulsionou a outras pessoas a investirem neste local, pois ao se deslocarem para Nova Friburgo, mesmo apresentando o custo de instalação menos atrativo do que em outro lugar, leva-se em conta a mão-de-obra altamente especializada e os meios de integração justificados aos meios e hábitos de comunicação. Nesta tomada da relação entre as indústrias, que irá contribuir para o equilíbrio da oferta X procura, na distribuição de mercadorias referentes aos preços e quantidades na intenção de alcançar a escala da produção. O mercado atacadista de qualidade e beneficiado pelas redes técnicas e sociais, justifica a ida dos consumidores à região de Nova Friburgo.

Já no estado São Paulo, revela em seu quadro produtivo uma alta divisão territorial do trabalho e uma concentração regional com diversas localidades orientadas para o setor calçadista, tendo como por exemplo, as indústrias de calçado em que além de Franca, maior pólo calçadista do estado, compete com outras cidades especializadas neste ramo. Em "... Jaú abriga 189 fábricas que emprega 4.200 empregados, produzindo 70 mil pares diários, sobretudo sapatos femininos de adultos, enquanto Franca, ..., tem 350 indústrias, 20 mil operários e produzem 90 mil pares diários. É conhecida como a capital de sapato masculino e ... destina à exportação. Destacam-se, por mover aumento de sua participação no mercado interno... São Paulo é o segundo maior produtor do país.". Santos (2001:136).

Segundo aos percentuais analisados por Santos (2003:107) revelam que "... o valor da transformação industrial mantém a tendência à queda relativa...A participação do Sudeste em relação ao total de pessoas ocupadas nas indústrias do país cai de 71,02% em 1970 para 49,75% em 1990.". Por outro lado, nas diversas partes do país manifestam-se uma crescente realização do sistema de parceria com Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas), gerando a "força no interior do país" em forma de pequenos negócios nas zonas rurais e nas periferias urbanas, ampliando a ação do desenvolvimento local, numa política que tenta evitar a pausterização dos municípios, destacando a importância nos arranjos produtivos locais. Pois, esta dinâmica de cooperação revela o encontro entre os atores econômicos, com a obtenção de mão-de-obra especializada, apoiada por instituições públicas e privada, cuja união tende a transformar o território em termos quantitativos. Vejamos a seguir alguns dos resultados da atuação do Sebrae e seus parceiros:

1- Em São Felix do Tocantins, localizado no Jalapão, uma das regiões mais ricas em recursos naturais do país, apresentou um crescimento positivo ao IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) em avanços na educação, na longevidade e renda de seus habitantes, segundo aos dados do Atlas do Desenvolvimento Humano de 2003. Este crescimento local se compreende ao uso de técnicas artesanais criadas por indígenas e moradores, ao produzirem a partir do capim dourado (matéria-prima abundante na região) na criação de peças como bolsas, chapéus, utensílios domésticos, ..., e com a parceria destes moradores com os agentes de mercado e do poder público, proporcionaram a formação de uma *Associação das Artesãs da Prata*, com isso puderam obter uma renda familiar e estruturas de aberturas para o mercado, através de divulgações em feiras nacionais e internacionais.

2- Na comunidade de Jardim em Mato Grosso do Sul, em sistema de parceria do Sebrae, prefeitura e Fórum de Desenvolvimento Local (FDL), buscaram dar uma característica própria ao local, com os especialistas obtiveram um levantamento de pesquisa em relação às condições físicas do ambiente e o conhecimento local, e perceberam que a produção que se exercia não satisfazia as exigências do mercado. Com a orientação do designer Valério Vinaccia, trago da Itália pelo Sebrae, partiu-se de idéias que inovaram na organização de produção ao utilizar a associação de outras

matérias com os “ossos” de boi, parte inaproveitável pelos pecuaristas. O resultado foi um artesanato criativo e universal, sendo capaz de ser vendido para qualquer parte do país e para o exterior.

3-Em Cariri, localizado no estado de Paraíba, apresentou um investimento lucrativo em cabras, bodes e ovelhas, tornando-as uma das fontes de abertura ao melhoramento local, que possui famílias castigadas pelos longos períodos de estiagem. O projeto se iniciou com a integração de cinco municípios e atualmente atinge 31. Dentre as benfeitorias implantadas com o programa Pró-Cariri, destacaram-se as ações de desenvolvimento de uma cadeia produtiva da ovinocapricultura, neste acordo entre produtores e prefeituras, resultou ao governo local a suspensão da compra do leite de vaca de outros estados, ao substituir na merenda escolar pelo leite de cabra, com isso cada um dos produtores conquistaram um mercado local com a venda de 20 litros de leite/dia. Neste ambiente, há geração de outras formas de produção como o artesanato, a culinária e manifestações folclóricas regional que absorveram este espírito empreendedor da ovinocapricultura.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o processo de elaboração deste trabalho, percebemos o quanto é complexo e às vezes, torna-se difícil em definir o território, principalmente, quanto ao nosso estudo que pretende dar ênfase aos processos de caráter concreto-funcional (político-econômico) sem minimizar o simbólico (político-cultural). E pelas inúmeras leituras, obtivemos uma compreensão de que o território abrange um conjunto de relações complexas entre os processos sociais e a natureza. Então, a definição de território está muito além de uma visão simplista de enraizamento, estabilidade e fronteira. Isto porque, a contemporaneidade reflete sob o território num sentido de movimentação, fluidez e interconexão temporária.

Com base em Haesbaert (2004), o território adquiriu um novo sentido, tornando complicado diferenciá-lo em especificidade num contexto histórico, construído pelas relações sociais, visto que o *poder* é uma relação inserida e exercida em várias partes do território. E o triunfo do poder, segundo Raffestin, é o conjunto: população, recursos e território. Deste modo o território é construído numa relação de poder que utiliza a forma de influência e controle sobre as pessoas, os recursos... e através destes bens se adquire o domínio de uma área.

Como já foi visto, as atuais áreas urbanas, como as metrópoles se apresentam fragmentadas, o que permite uma territorialização ainda mais instável e flexível. Sob este raciocínio, buscamos analisar as questões de “fronteira” e “controle de acesso e circulação”, estando vinculadas ao sistema capitalista estratégico, sendo capaz de transformar o território num dos seus instrumentos ativos, ao agregar a economia territorial com a economia industrial, na intencionalidade do desenvolvimento sócio-político-econômico, admitindo a necessidade de um novo paradigma industrial, marcada: pela descentralização, inovações tecnológicas, nova divisão do trabalho e reorganização produtiva. E no emergir do território-rede reforçado pelos avanços tecnológicos, temos como por

exemplo, as grandes cidades brasileiras apresentando a desterritorialização das indústrias viabilizadas pelos centros de informações e geradores de conhecimento e aprendizagem técnico-científico, o qual as redes técnicas-sociais, reduzem os custos com o transporte, a especialização das atividades..., proporcionando as disputas governamentais nas pequenas cidades, transformando-as num ambiente receptivo às aglomerações produtivas numa parceria entre os agentes. Deste modo, as indústrias se reterritorializam num modo horizontal e complementar ao implantar novo arranjo produtivo local (APL), com a estratégia de promover o desenvolvimento endógeno, segundo Iglori (2003), significariam uma economia externa com retornos lucrativos ao privado e benefícios públicos. E tendo o Estado, como um dos atores deste conjunto, ao desempenhar o papel de organizador, regulamentador em políticas de investimento, de competitividade e de incentivo a inovação e a difusão. Nesta reestruturação produtiva, os atores-parceiro se articulam na confiança através da forma de espacialização e de caráter temporal, resultante do potencial transformador e criador de lócus, por excelência da desterritorialização.

Em fim, tentamos desmobilizar a idéia, do ser passivo, instaurada na modernidade como uma espécie de “palco do desenvolvimento sócio-político-econômico” e mostramos holisticamente que o território na ativação de seus processos territoriais, desempenha o papel protagonista, sendo altamente seletivo, oferecendo a alguns, a representatividade de identidade, ao modo que venha produzir e reforçar a territorialidade. Nesta “história” de dimensão concreta e funcional de caráter político-econômico, as indústrias se beneficiam da dominação e disciplinarização dos indivíduos, ao aplicar a especificidade da técnica sobre os “recursos”. Neste, jogo dramático em cluster, se obtém o poder de criar e manter parte do conjunto geográfico em uso.

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, Arjun . Soberania sem territorialidade : notas para uma geografia pós-nacional . Novos Estudos CEBRAP , nº 49 . São Paulo : CEBRAP ,1997.
- BAUMAN, Zygmunt. Globalização:as conseqüências humanas.Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1999.
- FIGUEIREDO SILVA,João Luiz F..Considerações sobre o desenvolvimento territorial na região administrativa centro Sul Fluminense-RJ.In:MARAFON, Gláucio J. & RIBEIRO,Miguel A.(orgs.).*Revisitando o Território Fluminense*.Rio de Janeiro: NEGEF,2003.p.31-59.
- FRIDMAN, Fania . Donos do Rio em nome do Rei: uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro . Rio de Janeiro : Zahar ,1999.
- HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2004
- IGLIORI, Danilo C. . Economia dos clusters industriais e desenvolvimento . São Paulo : FAPESP, 2001.
- KLINK. Joroen J. .A cidade-região :regionalismo e reestruturação no Grande ABC.Rio de Janeiro:DP&A, 2001
- MARSHALL, Alfred . Princípios de economia.Coleção os Economistas . São Paulo : Abril ,1982.
- MONIÉ, Frédéric & SILVA, Geraldo . A mobilização produtiva dos territórios : instituições e logística do desenvolvimento local .Coleção espaço do desenvolvimento . Rio de Janeiro: DPA , 2003.
- MOREIRA, Ruy . O tempo e a forma : a sociedade e suas formas de espaço no tempo . Ciência Geográfica , ano IV, nº 09 .Bauru : AGB, jan -abr 1998.

- NAPOLEONI, Cláudio . O pensamento econômico do século XX . Rio de Janeiro : Paz e Terra ,1990.
- ROSENFELD, S. A. “États-Unis: Les agglomérations d’entreprises”. *In*: OCDE.
- Réseaux d’entreprises et développement local (ou Network et de Développement).Paris: Ed. Organisation de Coopération et de Développement Économique, 1996.
- SANTOS, Milton. Manual da geografia urbana.São Paulo: HUCITEC,1889.
- _____.Urbanização brasileira .São Paulo: HUCITEC,1993.
- _____.Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.São Paulo: HUCITEC,1996
- _____.Metamorfose do espaço habitado: fundamentos técnicos e metodológicos da geografia. São Paulo: HUCITEC,1997
- SANTOS, Milton & SILVEIRA, M^a.Laura. O Brasil : o território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record,2003.
- SCHUMPETER,J..Teoria do desenvolvimento econômico.São Paulo:Abril Cultural,1982.
- SEBRAE.Informe publicitário.In:Época n° 307/5 de abril de 2004.
- SOUZA, Lázaro E..Saída coletiva: redução de custos, métodos modernos de gestão e maior poder de competição são alguns dos benefícios.In: Pagn.globo.com,2004.
- SOUZA, M^a Adélia A. Território Brasileiro : uso e abuso.São Paulo: Territorial, 2003.